

Mandioca-raiz-corpo: partilhas sensíveis entre palavras, imagens, *performances*, sons e jovens universitários indígenas

Root-body-cassava: distribution of the sensible with words, images, performances, sounds and young indigenous university students

Raíz-cuerpo-yuca: reparto de lo sensible entre palabras, imágenes, performances, sonidos y jóvenes universitarios indígenas

Davina Marques¹

Alik Wunder²

Resumo: Com jovens de diferentes povos – Waurá, Tukano, Baniwa, Guarani e Tupi-Guarani – nós nos entregamos a um processo coletivo de criação entre conversas sobre a mandioca, planta que perpassa as memórias destes/as estudantes. Nesses encontros celebramos a arte de contar histórias e de “atrair uns aos outros por nossas diferenças”, como nos convida a fazer Ailton Krenak. Criações escritas, musicais, fotográficas, *performances* e um vídeo experimental se desdobram das histórias contadas, misturadas e fabuladas. Modos indígenas de educar no corpo-a-corpo com uma planta – ser ancestral – desdobram-se em criações que celebram o encontro na diferença, a partir da ideia de “partilha do sensível” com Jacques Rancière e de “micropolíticas inventivas” com Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik.
Palavras-chave: Experimentação; Pensamento indígena; Artes indígenas.

Abstract: With students from different peoples – Waurá, Tukano, Baniwa, Guarani and Tupi-Guarani – we engaged in a collective creative process during conversations about cassava, a plant that permeates their memories. In these meetings, we celebrated the art of storytelling and of “attracting each other through our differences”, with Ailton Krenak. Written, musical and photographic creations, performances and an experimental video unfold from the entangled and fabulated stories told. Indigenous ways of educating in body contact with a plant – an ancestral being – unfold in creations that celebrate the encounter in difference, inspired by the idea of “the distribution of the sensible” with Jacques Rancière and “inventive micropolitics” with Gilles Deleuze, Félix Guattari and Suely Rolnik.
Keywords: Experimentation; Indigenous thought; Indigenous arts.

Résumé: Con jóvenes de diferentes pueblos – Waurá, Tukano, Baniwa, Guarani y Tupi-Guarani – realizamos un proceso creativo colectivo entre conversaciones sobre la yuca, una planta que permea las memorias de estos/as estudiantes. En estos encuentros celebramos el arte de contar historias y de “atraernos unos a otros a través de nuestras diferencias”, con A. Krenak. Creaciones escritas, musicales, fotográficas, *performances* y un vídeo experimental se despliegan de las historias contadas, mezcladas y fabuladas. Maneras indígenas de educar en contacto corporal con una planta – un ser ancestral – se despliegan en creaciones que celebran el encuentro en la diferencia, con la idea de “repartir lo sensible” de Jacques Rancière y de la “micropolítica inventiva” con G. Deleuze, F. Guattari y S. Rolnik.
Mots-clés: Experimentación; Pensamiento indígena; Artes indígenas.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Hortolândia, SP.

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.

Da palavra a voz, da voz a palavra, das roças à universidade: uma introdução

*ulei, mandi'o, kii, kairi, mandioca
a mandioca cresce silenciosa embaixo da terra
verdeja roças, alimenta povos
habita memórias de muitas infâncias.
Do filme Ulei Corpo Ancestral*

Do singular à partilha, de conversas e escutas a *performances*: um filme. Este artigo expande pensamentos a partir de um processo coletivo de criação audiovisual – o filme *Ulei Corpo Ancestral* (2024)³ – que se fez entre conversas sobre um mesmo vegetal: a mandioca, planta que perpassa as memórias das/os estudantes indígenas da Universidade Estadual de Campinas, ligadas/dos ao projeto “*Livros Vivos: saberes indígenas, saberes vegetais*”⁴.

Para o povo Guarani, a palavra “garganta”- *ñe’e raity* - carrega o sentido de ninho das palavras-alma, é lugar onde germinam palavras novas (Rolnik, 2018). “Para muitos povos indígenas, é no sopro da voz que nascem as palavras, na relação entre o vento e o interior do nosso corpo. Desse sopro novo nascem mundos.” (Wunder, 2022, p. 53). A partir de uma perspectiva de ser e estar agindo no mundo, de fazer a voz expandir-se em escritas e imagens, nós nos encontramos com jovens de diferentes povos indígenas em nossas experiências universitárias, e seguimos aprendendo com suas presenças sutis em nossas vidas e nos nossos espaços acadêmicos tão majoritariamente brancos e eurocêtricos. O Programa de Cotas Étnico-Raciais, estabelecido desde 2019 na Unicamp, criou o Vestibular indígena, com exame de avaliação específico para essa comunidade. Atualmente estudam mais de 400 jovens indígenas de todo país em nossa universidade, pertencentes a mais de 45 povos diferentes. Uma política pública repleta de desafios e de potencialidades, dentro da qual o Projeto *LivrosVivos* se faz como um espaço/tempo de partilhas, apoio mútuo, pesquisas e criações coletivas.

Com Jacques Rancière, na leitura de *Partilha do sensível* (2005), somos convidadas a pensar essas experiências de criação em torno das práticas e saberes com a terra e os vegetais, como exercícios estéticos e políticos singulares de *partilha do sensível*: “um modo de

³ O filme *Ulei Corpo Ancestral* foi lançado em 2024. É uma realização do Projeto “*Livros Vivos: saberes indígenas, saberes vegetais*”, com Lilly Baniwa, Vera Moura Tukano, Mawanaya Waujá, Davina Marques e Alik Wunder. Direção de Arte: Lilly Baniwa; Encenação: Vera Moura Tukano e Mawanaya Waujá; Fotografias: Davina Marques, Tatiana Plens e Alik Wunder; Local: Terrinha, Serra da Pedra Branca, Caldas, MG.

⁴ O projeto “*LivrosVivos: saberes indígenas, saberes vegetais*” é ligado aos Editais de Bolsa Auxílio Social da Universidade Estadual de Campinas. É realizado na Faculdade de Educação e coordenado pela Profa. Alik Wunder desde 2019. O projeto é voltado especialmente aos estudantes indígenas ingressantes do Programa de Cotas da universidade e cria possibilidades de encontro de saberes, de experiências de vida, de potências criativas alimentadas pelas poéticas ancestrais e experimentações artísticas. É também um espaço-tempo de encontros, afetos e apoio mútuo.

articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de dar pensabilidade de suas relações, implicando em uma determinada efetividade do pensamento” (Rancière, 2005, p. 13). Rancière, nesse livro, escreve sobre as relações entre política e estética e, em especial, sobre a criação de *comuns partilhados*, partilha de espaços e tempos e recomposição entre o visível e o invisível. Adensando essas ideias, isso nos dá a pensar sobre como a presença de jovens indígenas de diferentes etnias e lugares – comunidades, pequenas cidades, aldeias na floresta amazônica, na mata atlântica, no cerrado, na restinga, na caatinga – afeta uma universidade urbana no interior do estado de São Paulo; dá a ver as forças desiguais e violentas dos regimes de visibilidade e invisibilidade no que se constitui como *comum* nos espaços acadêmicos. As práticas de experimentação com imagens e palavras que temos vivenciado com as/os estudantes dão a ver poeticamente um mundo de experiências e saberes invisibilizados e pouco valorizados pela lógica urbana: as relações íntimas entre povos e comunidades com os seres vegetais por meio do cultivo e do extrativismo. Que outros *comuns partilhados* as presenças indígenas convidam a criar numa universidade? Como a experimentação com palavras e imagens pode potencializar essa partilha?

Com Suely Rolnik nós nos implicamos com suas provocações lançadas no livro *Esferas da insurreição: notas sobre uma vida não cafetinada* (2018) para pensar nas forças micropolíticas (Deleuze; Guattari, 1996; Guattari; Rolnik, 1996) que se fazem em processos coletivos deixando germinar “embriões de futuro que se anunciam para além do sufoco”. A autora nos convida a farejar caminhos para “a criação de cenários que nos tragam de volta o bem-viver” (Rolnik, 2018, p. 27). Na sua escrita, traça diversas linhas de possíveis pulsões micropolíticas num mundo cada vez mais tomado pelas lógicas do regime *colonial-capitalístico*:

Trata-se de tecer múltiplas redes de conexões entre subjetividades e grupos que estejam vivendo situações distintas, com experiências e linguagens singulares, cujo elemento de união são embriões de mundo que habitam os corpos que dela participam, impondo-lhes a urgência de que sejam criadas formas nas quais tais mundos possam materializar-se completando assim seu processo de germinação (Rolnik, 2018, p. 141).

Para além do “sufoco” de acompanhar as diferentes realidades de violência e invasão de terra indígenas, de estratégias diversas de retirada de direitos constitucionais como é o caso do “Marco Temporal” e de acompanhar de perto as dificuldades diversas dos jovens indígenas que vêm de longe para estudar na Unicamp, vivendo infelizmente diferentes formas de preconceito, estigmatização, segregação e sentimento de inadequação, o *Livros Vivos* reafirma a potência do

encontro entre diferentes mundos com as presenças indígenas na vida acadêmica. Na aposta na potência do encontro na e com a diferença, inventamos um modo de estar junto: a experimentação artística como um *comum partilhado* (Rancière, 2005), um *embrião de mundo* (Rolnik, 2018).

Por entre possibilidades experimentais de fazer pesquisa, de escrever e de criar, o projeto “*Livros Vivos: saberes indígenas, saberes ancestrais*” desdobra-se em experimentações com palavras, imagens e o mundo das plantas (Wunder *et al*, 2022). Entre seus objetivos, prevê encontros entre estudantes indígenas e não indígenas, pesquisadoras/es e artistas para a criação de imagens e escritas na ressonância com suas experiências, conhecimentos e cosmovisões sobre as plantas. O projeto realiza oficinas de experimentação com imagens (fotografia e desenho) e palavras (poemas e contos), promovendo encontros de criação entre conhecimentos (acadêmicos e não-acadêmicos), entre linguagens (imagens e palavras, oralidade e escrita), entre universos culturais (indígenas e não-indígenas) e entre o mundo humano e o mundo das plantas. Temos como norte a produção de *livros vivos*: criações em imagens, palavras e sons, como um modo de proliferar olhares, conhecimentos, práticas e cosmovisões dessa nova comunidade universitária que nos chega: as/os estudantes indígenas. A ideia dos *livros vivos* nos chegou através do Pajé Agostinho Manduca Mateus Ika Muru, pertencente ao povo Huni Kuin, do estado do Acre. Partilhada em língua portuguesa nos livros *Una Isĩ Kayawa – O livro da cura do povo Huni Kuin do Rio Jordão* (Ĩka Muru; Quinet, 2017) e *Una Hiwea - O Livro Vivo* (Ĩka Muru, 2012), essas palavras nos convidam a expandir a ideia de livro. Ika Muru intitulou *Livro Vivo* sua primeira obra literária, criada com uma equipe de pesquisadoras.es e com a sua comunidade em 2012. Na abertura do livro explica:

O livro vivo não é para acabar nunca. E por que livro vivo? Porque a natureza está viva, e as ervas que se transformaram estão vivas, e os pesquisadores estão vivos e os autores deste livro estão vivos, e tiveram a experiência de fazer essa documentação. O livro vivo também é o parque onde mora nosso povo ancestral, que são as famílias de ervas que se transformaram (Ĩka Muru, 2012, p. 07).

Em suas palavras o *livro vivo* é o parque de plantas medicinais, é a floresta, é o ancestral que se transformou em plantas medicinais nas narrativas do povo Huni Kuin, é a equipe que o realizou. O livro é vivo porque faz parte de um fluxo contínuo da vida entre pessoas, gerações e seres. Recebemos essa ideia como um convite ao projeto e o intitulamos *Livros Vivos*, palavra desde a qual podem proliferar sentidos sempre em aberto. Com os jovens universitários pertencentes aos povos Baniwa, Guarani, Tukano, Waujá e Tupi-Guarani, continuamos as

conversas sobre as plantas. E das atividades iniciais de escrita, fotografia e desenho, essas.es jovens nos convidaram a realizar um filme em que a *performance* e o canto expandiram narrativas.

Essa jovem comunidade universitária nos aproxima e nos faz perceber as violências do jeito não indígena de fazer, centrado prioritariamente na palavra escrita, que, de certa forma, despreza ou menospreza a força da palavra falada e as outras línguas que temos em nosso país. Grande parte das.os estudantes indígenas tem o português como segunda língua e, entre nós, são pessoas que precisam encontrar formas de enfrentar seus medos. Seguindo os sopros das suas línguas, encontram coragem e ambientes propícios para que possam expressar suas experiências de vida, seus sonhos, suas inquietações, suas histórias.

Nos encontros do projeto há tempo para conversar, ouvir, compartilhar histórias e criar. Sempre a partir de conversas e de um banquete de obras literárias, filmicas, artísticas (Wunder; Marques; Amorim, 2016), vamos nos aproximando umas/uns das.os outras.os, e seguimos a “atrair uns aos outros por nossas diferenças”, como nos convida a fazer Ailton Krenak (2019, p. 33).

Primeiro, sempre a experiência da oralidade, sem pressa, como desenvolvido em outras escritas:

Das palavras nascidas nas gargantas, das histórias ancestrais contadas no tempo, surgem outros modos de lidar com a escrita, modos indígenas. Narrativas ancestrais ganham nova vida na passagem da oralidade à escrita, palavras nascidas em corpos humanos passam ao corpo-papel, das gargantas – ninhos da palavra-alma – aos livros. A voz habita as palavras desses livros escritos por escritoras.es indígenas. E essas vozes nunca são únicas, ressoam delas muitas vozes e tempos, por vezes são atemporais. De formas diversas essas.es autoras.es arrastam para as suas experiências de escrita, narrativas que percorreram séculos, entoadas e recriadas por inúmeras gerações. E quando os textos são de denúncia das violências coloniais vividas pelos diversos povos, em perseguições, fugas e resistências, o corpo do texto também ganha a voz de muitos.as, a dor também não é apenas pessoal, é coletiva e ancestral (Wunder, 2022, p. 55).

Assim, da oralidade, os nossos encontros se desdobram em um sem número de produções: escritos, registros poéticos, pinturas, desenhos, fotografias, filmagens, gravações, que nos convidam ao deslocamento de perspectivas, à ampliação da existência, ao embaralhamento que dá a pensar, ao desentrelaçamento de fronteiras, pois as “imagens-escritas indígenas provocam desvios, tons, texturas, oferecem outras relações entre a linguagens, os seres e as coisas” (Wunder, 2022, p. 56).

Nossas experiências aqui e em outras oficinas têm nos mostrado como o envolvimento com material artístico - escrito e visual - funciona como disparador de todo tipo: memórias, afetos, afectos, invenções... Nesses processos, algo de maquínico se des-envolve, pois aquilo que não é nem pode ser planejado organiza-se em produções da ordem do acontecimental, no *entre* das ações realizadas (Marques; Amorim, 2022b). Quando não cerceada, uma força vital escapa aos processos de captura e de repetição (Preciado, 2018) e a liberdade é pressuposto do projeto *Livros Vivos*.

Essa liberdade nos exige a criação de espaços de escuta radical, nos termos de Sebastian Wiedemann (2021). E, quando se abrem essas oportunidades, há, segundo esse pesquisador, “apreensões, vazamentos, contágios, em co-habitar, em gestos sem privilégios ou hierarquias, em uma perspectiva não antropocêntrica” (Marques; Amorim, 2022c, p. 51-52). Ou ainda, nos dizeres de Eugénia Vilela, que também já citamos:

Pela arte, não se traduz o intraduzível da dor – a dor na terceira pessoa é uma ficção. Mas cria-se espaço de manifestação possível ao toque do outro. [...] A educação pela arte deve ser o momento de ligação entre a memória daquele que existenciou a dor e a memória que se cria pela compreensão que nasce da partilha íntima de um sentido através da arte (Vilela, 2001, p. 249).

As/os participantes do *Livros Vivos* conversaram e criaram um material de escritas e fotografias que, em seguida, desejou-se compartilhar e abrir-se para além dos limites da produção inicial (Wunder *et al*, 2022). Assim, surgiram artigos, participação em livros, registros como pesquisa e projetos de extensão em espaços de divulgação científica. Foi nesse processo que se pensou em uma produção audiovisual. Não sabíamos ainda se seria um documentário – não era esse o interesse, mas um desejo de registrar e compartilhar visualmente as descobertas, as sensações, em especial aquelas que tinham relação com um vegetal específico: a mandioca, referência na alimentação e na cultura dos grupos que faziam (e fazem) parte do projeto.

O processo: a mandioca dança feliz no vento

*É uma raiz que alimenta e ensina na vida cotidiana
e nas narrativas indígenas de criação.
Como as raízes que se entrelaçam na terra
as histórias que contamos fazem crescer outras.
Em nossas vozes/escritas há muitas vozes:
falam também nossas mães, pais, tias, avós, irmãos.
Do filme Ulei Corpo Ancestral*

Em 2022, parte do grupo passou um final de semana no Sítio Terrinha⁵ em Caldas (MG), com o intuito de lidar com a terra e a mandioca, de registrar maneiras de fazê-lo juntamente com as narrativas de seus povos, e de trazer os seus corpos para esses registros de fotografia e filmagem, explorando possibilidades de *performances*. Na intensidade dessas ações, observamos que, juntamente com a palavra, o canto compunha os rituais da lida com a mandioca, antes, nos movimentos dos plantios, dos cuidados na roça, e nas festas das colheitas e agradecimento. Era bonito ver e ouvir, nas respectivas línguas de cada grupo, suas histórias e cantos. E fizemos também esse registro de cantos e vozes⁶.

Fomos para a roça e fizemos a colheita da mandioca. Cada povo foi contando como fazia, relembrou as relações com a mãe nesse trabalho, memórias de aprendizagem no chão e com os vegetais importantes para o seu povo. Depois descobrimos que a forma de plantar também se diferenciava e fizemos esses registros em fotografias e filmagem.

Imagens 01 a 04: Registros da colheita, plantio e lida com a mandioca.



Fonte: Acervo do projeto.

⁵ O Sítio Terrinha é uma propriedade coletiva que tem como objetivo a realização de reflorestamento por meio do cultivo regenerativo agroflorestal, bem como ações de arte, cultura e educação. É de propriedade da Associação Ritmos de Pensamento e tem como coletivo gestor o Núcleo Terrinha formado por professoras.es, artistas, pesquisadoras.es, comunicadoras.es e educadoras.es.

⁶ Ressaltamos a parceria com o músico João Arruda para as gravações das histórias e cantos nesse final de semana.

O canto foi surgindo mais tarde, enquanto preparávamos o almoço. Fizemos um primeiro registro em filme enquanto arrumávamos os produtos derivados da mandioca para compartilhar (tapioca, beiju...). Mas havia entre nós um ouvido atento de outro tipo, o do músico João Arruda, e ele logo começou a acompanhar na viola as vozes cantantes. Deu vontade de gravar. Fomos ao seu estúdio e ali recontamos histórias e gravamos cada pessoa em sua própria língua.

Imagens 05 a 07: Gravações em estúdio.



Fonte: Acervo do projeto.

Ainda faltavam cenas. O corpo queria aparecer nas imagens como arte, como *performance*. Entre as diferentes histórias de criação do mundos, dos seres e das coisas partilhadas e escritas anteriormente em um artigo coletivo denominado “Ulei, kaini, mandi’o, ki’i, mandioca: memórias, sabores e saberes de uma raiz-corpo” (Wunder *et al*, 2023), a história de Mandi, do povo Tupi-Guarani, foi a que se mais incorporou em *performances* do filme. Na história, uma estrela se transforma numa menina de pele clara, vem ao mundo ensinar os humanos a cultivar os alimentos, nesse mundo morre de tristeza por ser mulher e não ser aceita nos roçados, de seu corpo nasce a mandioca, o corpo de Mandi. Essa mulher-menina-mandioca transmuta-se em *performance*, naquele final de semana, por Vera Tukano e Mawanaya Waujá, por jovens de outros povos, que acolhem para si essa história.

Imagens 08 a 13: Preparando *performances*.



Fonte: Acervo do projeto.

Lilly Baniwa faz a direção de arte e de cena; Davina Marques, pesquisadora e cineasta, faz a câmera; Alik Wunder e Tatiana Plens, pesquisadoras e fotógrafas, criam fotografias e ficam no apoio de produção; João Arruda, músico, cria melodias na viola acompanhando os cantos, cria com eles a trilha sonora e grava vozes no estúdio. Coleção de imagens e sons registradas, chegou o momento de pensar no roteiro e no filme em si.

O filme: *performances*, imagens e os sons, um comum

A experiência do final de semana nos deixou carregadas.os de sensações, de desejos, e com um acervo enorme de fotografias, filmes, sons, cantos, narrativas. O que fazer com todo esse material? As reuniões do grupo para pensar o filme, desde o primeiro momento, conduziram para que fossem destacadas a importância e a ancestralidade da mandioca entre os povos indígenas. Uma outra linha intensiva tinha a ver com as relações de afeto que esse vegetal traz consigo. Decidiu-se também que não poderia faltar a diversidade das línguas indígenas e as narrativas de criação. Estava colocado o desafio: como explorar, em uma obra fílmica, a relação afetiva das pessoas com a mandioca, com a roça, com a produção e o consumo de alimentos dali derivados? Como dar mostra à diversidade linguística dos povos originários? Como garantir em imagem as narrativas ancestrais? O que escolher?

No filme as imagens se deslocam das narrativas originais de cada povo e dançam na roça ao vento com Mandi, ao som de muitas línguas... Modos indígenas de educar no corpo-a-corpo com uma planta – ser ancestral – desdobram-se em palavras, cantos e gestos, em criações que celebram o encontro na diferença. Propositamente as falas em línguas Baniwa, Tukano, Guarani e Arawak não foram traduzidas no filme. A sensação de imersão nas musicalidades de cada povo foi uma das intenções de nossa proposta experimental em imagens em movimento.

Kaali, Mandi, mandioca, ulei, ki'i

Cada história cresce feito raiz na terra

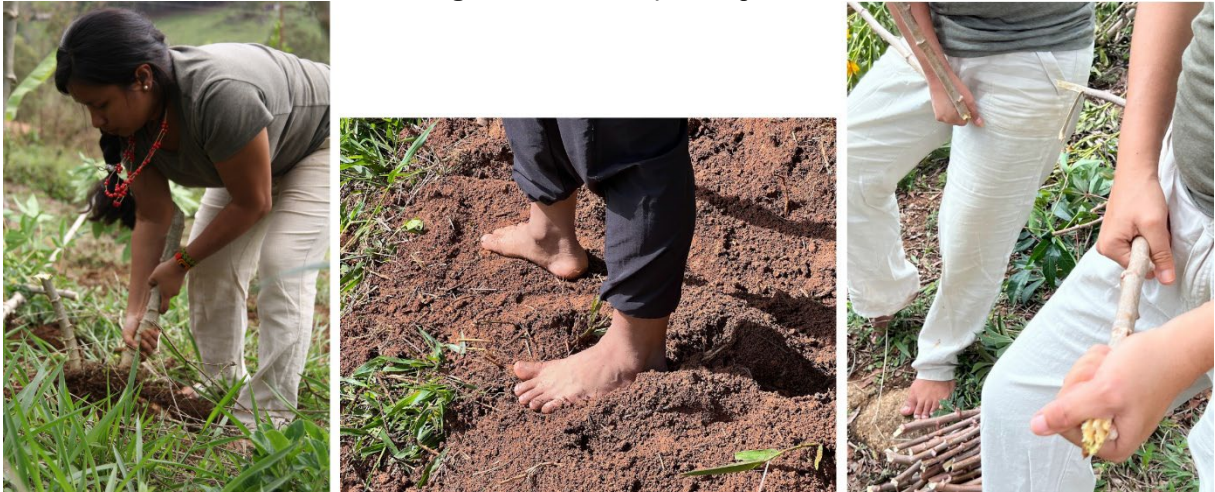
cria ramos para diferentes lados: presente, passado, futuro

ao mesmo tempo.

A mandioca dança feliz ao vento. Vozes em português e em diferentes línguas indígenas ressoam seus diversos nomes. Gestos precisos e delicados. Cortar, cavar, raspar, puxar, carregar. Um corpo-a-corpo entre gente, terra e planta aprendido nas relações entre muitas gerações e tempos. Sem força extrema, sem violência, sem maquinários, com simples ferramentas – pedaço de pau, enxada e facão – e um corpo que sabe direcionar sua força. Delicada e precisa é a força de corpos abaixados e acorados que não temem estar próximos da terra. Os pés descalços ou de chinelos, sem temor de se deixar misturar com a terra. Uma expressão corporal que conta a história de milênios de cuidado mútuo. É a reciprocidade do

cuidado que rege as relações. O filme dá tempo para essa observação dos gestos que dão expressão àquilo que o texto anuncia.

Imagens 14 a 16: Relações corporais.



Fonte: Acervo do projeto.

Memórias de infância ganham corpo. A presença cotidiana na roça, ouvindo histórias e orientações de mães, pais, avós, tias e tios é a linha de conexão entre jovens vindas/os de lugares tão diversos. O fio comum é terem sido educadas/os cotidianamente, todas as manhãs, muito cedo, nas roças. Na floresta amazônica, no cerrado, na mata atlântica, as mães levam seus filhos e filhas logo cedo para lidar com a terra. Lá dormem, os maiores cuidam dos pequenos, lá fazem suas rocinhas, criam colares, chapéus e bolsas com as folhas, são guardadas/os pelas sombras da mãe-dioca. Logo cedo, antes do sol nascer, a maior parte delas/es se banha no rio – hábito para espantar a preguiça do corpo – e segue as trilhas das roças com suas famílias. Infâncias entrelaçadas em meio às diferenças linguísticas e culturais de cada povo, e isso foi o que moveu as histórias contadas, escritas, desenhadas e depois performar, cantadas e editadas no filme.

*eu lembro que quando a gente ia pra roça
minha mãe falava assim:
cuidado pra não jogar a mandioca com muita força
cuidado para não esquecer das pequenininhas.*

A mandioca é uma raiz que é cuidada e cuida de nós há muito tempo. Sobrepõem-se imagens: corpo da mandioca, corpo de Mandi, corpo de quem planta e colhe. A cada gesto de plantio muitos corpos são acionados. Durante todo filme a mandioca dança e se mistura ao

corpo vegetal e humano e Mandi. *Tem corpo, os vegetais têm corpo. Para nós, a mandioca é um corpo que sente.* Ouve-se o choro das mandiocas pequeninas esquecidas. Seu choro é um canto. O corpo da voz de Mandi no filme.

Imagem 17: Fotograma do filme. *Transparências*.



Fonte: Acervo do projeto.

Para muitos povos indígenas as fronteiras entre humanidade e vegetais não são muito fixas e definidas por uma ideia de diferenciação de espécie. Para a maioria dos povos indígenas, há humanidade nas plantas, há vegetabilidade nos humanos, há um devir-vegetal dos humanos, há um devir-humano dos vegetais (Deleuze; Guattari, 1997). Em cada história Baniwa, Tukano, Wauja e Guarani e Tupi-Guarani contada e ouvida esse devir estava presente, de formas diversas: mandioca-criança, mandioca-mulher, mandioca-menina, mandioca-gente, mandioca-ancestral. Corpo antigo, do passado, do presente e do futuro que cuida.

Cada povo tem sua forma de plantar a rama. Cada jovem nos ofereceu o modo de seu povo plantar a mandioca, uma rama, duas, oito, deitadas e inclinadas. “Para plantar precisa saber olhar no olho da mandioca” nos conta Lilly Baniwa. O olho, ou gema no linguajar botânico, é o lugar onde nasce o broto da rama plantada e deve estar voltado para cima, daí a expressão: “precisa olhar no olho dela pra plantar”.

Imagem 18: Fotograma do filme. Transparências.



Fonte: Acervo do projeto.

Fibras entrelaçadas para conter, diversos vegetais, formas, modos de entrelaçar se juntam numa mesma cena. Os cestos, aturás, os abanadores, as peneiras, diversas coisas criadas para carregar, acolher, separar e fazer da mandioca diversas variedades de alimentos: farinhas, maçoça, farinha de tapioca, farinha d'água, beijus, cozidos... Cada povo a seu modo, adensando seu próprio sabor ao vegetal.

Mãos, cabelos, pele e olhos ganham tom vegetal. A mão humana se faz galho e faz flor e se deixa visitar por uma pequena abelha. Um corpo plantado na terra, imóvel recebe a visita do vento, do sol, dos insetos, das câmeras. Um corpo-Mandi, menina-mulher-mandioca, corpo ancestral, corpo que sempre continua vivo e não pára de crescer para todos os lados. Um canto finaliza o filme. Um agradecimento à terra, a quem plantou e colheu junto, a quem fez a fotografia, quem performou, dirigiu, filmou e cantou. Pode ser a voz de Mandi, pode ser a voz da mandioca, a voz da terra, a voz dos povos indígenas, a voz do povo Tukano no canto de Vera Tukano, que fecha a colheita em gesto de agradecimento.

Imagem 19: Fotograma do filme: trecho final.



Fonte: Acervo do projeto.

O processo de experimentação também norteou a edição do filme. Com as canções gravadas, tínhamos uma possibilidade de trabalhar as imagens em blocos, e foi esse material que apresentamos em nossa comunicação do IX Seminário Conexões: Deleuze e Linhas e Cosmos e Educação e... Naquele momento, em maio de 2024, tínhamos quatro pequenos filmes realizados com base em uma decisão coletiva sobre a temática, cada um atrelado a uma canção. Havia uma abertura, que apresentava o projeto e fazia um adentramento na roça; uma seção sobre os cuidados necessários com a maniwa (rama); um bloco sobre o plantio; e um último dedicado aos alimentos que esse vegetal nos oferece. Foram essas as partes que nos levaram à versão final de *Ulei Corpo Ancestral*.

A mandioca é um corpo que continua vivo: palavras finais

*a mandioca é um corpo vivo
que continua vivo
é um corpo ancestral*

Estudamos, pesquisamos, experimentamos no campo da educação. Queremos reafirmar, com este trabalho, as potências desse nosso campo de atuação. Assim, partilhamos, compartilhamos, sonhamos, imaginamos um bloco de sensações reverberando gestos de respeito e admiração pelos povos originários. Como já dissemos antes (Marques; Amorim, 2022a; 2022b), nesse ato de imaginar há um gesto ou princípio de esperança, pois a atenção aos

acontecimentos e à experimentação tem a possibilidade de abrir perspectivas para quem educa e quem é educado. O imaginar, segundo Georges Didi-Huberman (2011, p. 60-61), é um ato político:

A imaginação é política, eis o que precisa ser levado em consideração. [...] Se a imaginação – esse mecanismo produtor de imagens para o pensamento – nos mostra o modo pelo qual o Outrora encontra, aí, o nosso Agora para se liberarem constelações ricas de Futuro, então podemos compreender a que ponto esse encontro dos tempos é decisivo, essa colisão de um presente ativo com seu passado reminiscente.

O que dizer então das potências do *LivrosVivos*? Entre as belezas ditas e registradas desse grupo há a constatação da força de um alimento e de um vegetal especificamente, a mandioca, presente nas distintas culturas que têm representação ali: Baniwa, Tukano, Guarani, Wauja e Tupi-Guarani. A mandioca é um corpo vivo, um corpo ancestral, potente no cotidiano de muitos dos povos. Aprendemos também com esse corpo vivo a respeitar a relação das gentes com a terra e com esse vegetal que leva a todas as nutrição, saúde, histórias de vida e um sentimento de pertença ancestral. Lentamente vamos nos aproximando das tantas dimensões dessa constatação, mas vale destacar algumas sensações que esse conhecimento nos desperta: de reverência a um saber que segue presente nas comunidades dos povos originários e que é quase desconhecido entre nós, não-parentes.

Dar tempo e espaço à ressonância poética de saberes e práticas ancestrais com a terra e a mandioca nos leva a pensar nas provocações de Suely Rolnik (2018), quando insiste em dar visibilidade aos movimentos micropolíticos como “via ressonância entre frequências de afetos para a construção do ‘comum’” (Rolnik, 2018, p. 140), movimentos esses que possuem modos de operação distintos dos movimentos macropolíticos, a eles complementares. Em seu livro, a autora afirma os movimentos micropolíticos que se dão em tramas coletivas e experimentais, aqueles:

[...] territórios relacionais temporários, variados e variáveis. Nesses territórios se produzem sinergias coletivas, provedoras de um acolhimento recíproco que fortalece os processos de experimentação de modos de existência distintos dos hegemônicos, valorizando e legitimando sua ousadia (Rolnik, 2018, p. 141).

Dizemos, nesse filme, da ousadia de povos que, ainda hoje, teimam em produzir seu próprio alimento, apesar de todas as violências *colonial-capitalísticas*, e que insistem em ensinar a seus filhos.as as tecnologias ancestrais de cultivo, diariamente. Dar a ver esses modos

de existir contemporâneos nos interiores do Brasil, nas aldeias e comunidades ribeirinhas, pode ser um movimento de “germinação de embriões de mundos que ressoaram entre os corpos e os levaram a unir-se, produzindo um ninho para o nascimento de outros modos de existência e suas respectivas narrativas” (Rolnik, 2018, p. 142).

A escolha coletiva em fazer das narrativas pessoais e cotidianas, circunscritas nas singularidades de cada povo/comunidade, um filme experimental coletivo marcado pela *pulsão de ficção* (Rancière, 2005), nos provoca a pensar nas potências da fabulação nesse movimento de criação entre jovens de diferentes etnias e nós professoras e pesquisadoras não indígenas. Rancière (2005, p. 58) afirma: “um real precisa ser ficcionado para ser pensado”. O autor aposta nas artes que seguem pelas vias da *dessemelhança* do real e pelos regimes de *intensidade sensível*, “que trocam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre os modos de ser, modos de fazer e modos de dizer. Definem variações das intensidades do sensível, das percepções e capacidades dos corpos.” (Rancière, 2005, p. 60).

Registrar um pouco dessa experiência em imagens em movimento, em vídeo, faz com que a ideia de *LivrosVivos* e de *peles de imagens* (Kopenawa; Albert, 2015) des-dobre-se em sensações outras e chegue a outros espaços e gentes. Filmamos, fotografamos, ouvimos vozes e cantos, vimos. Essas coleções de sons e imagens foram compondo uma outra criação, em um curta experimental que damos a ver agora⁷. Aqui, o que se faz e se pesquisa se mistura.

Amizades, risos, sabores, carinhos. *LivrosVivos*, um projeto, seria? O tempo passa com o vento e no piscar dos olhos chegamos aqui. Viajamos para lugares inimagináveis, cantamos, rimamos, desenhamos, fotografamos, conversamos, escrevemos e voamos... Quem dirá onde vamos chegar? Não vamos parar, os ancestrais nos esperam de braços abertos para conhecermos outros lugares. Quem são vocês? Onde moram? Que amizades tem com as plantas? Que relações criam com o mundo vegetal? (Wunder *et al*, 2022, p. 15).

Esperamos, ao fabular e criar *partilhas sensíveis*, também *confluenciar*, como nos ensina Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 15): “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende.”. E que os *LivrosVivos* funcionem para “reflorestar o nosso imaginário” (Krenak, 2022, p. 70) e para criar roças verdes em nosso sentir e pensar.

⁷ O filme pode ser visto aqui: https://youtu.be/_sZXg1JSZ4s. Ainda não listado porque estamos em processo de divulgação em festivais.

Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu: Piscograma, 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Trad. A. Guerra Neto, A. L. Oliveira, L. C. Leão e S. Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. Trad. S. Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. V. Casa Nova e M. Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ĨKA MURU, Agostinho Manduca Mateus; QUINET, Alexandre (org.). **Una isĩ kayawa: livro da cura do povo Huni Kuin do Rio Jordão**. Rio de Janeiro: Dantes, 2017.
- ĨKA MURU, Agostinho Manduca Mateus (org.). **Una hivea: o livro vivo**. Belo Horizonte: Literaterras: Faculdade de Letras UFMG, 2012.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. B. Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Aforismos para um educar, entre imagens e palavras. *In*: CARVALHO, J. M.; SILVA, S. K.; DELBONI, T. M. Z. G. **Currículos e artistasagens: política, ética e estética para uma educação inventiva**. Curitiba: CRV, 2022a, p. 263-279.
- MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Pesquisa e extensão e educação básica: das forças que nos compõem. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 146-166, maio-ago. 2022b. DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-6672.2022v15i44p146-166>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Entre pensamentos sobre pesquisa e extensão, des-dobramentos curriculares. **Revista Teias**, v. 23, n. 71, p. 42-55, out-dez. 2022c. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.70228>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- PRECIADO, Paul B. La izquierda bajo la piel. *In*: ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 11-21.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. M. Costa Neto. São Paulo: EXO Experimental.org: Editora 34, 2005.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- VILELA, Eugénia. Corpos inabitáveis: errância, filosofia e memória. *In*: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 233-254.

WIEDEMANN, Sebastian Alexi Caballero. **Azul profundo**: ecologia de modos de experiência cinematográficos. 2021. 237f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2021.

WUNDER, Alik. Ouvir palavras, ler imagens, desenhar escritas: sopros indígenas em uma universidade. *In*: MUNDURUKU, D.; TAUKANE, D. Y.; NUNES, I. R. N.; NEGRO, M. (org.). **Jenipapos**: diálogos sobre viver. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2022, p. 52-61.

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 104-127, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43043>. Acesso em: 19 fev. 2025.

WUNDER, Alik; BANIWA, Lilli; APYKA, Luã; WAUJA, Mawanaya; GUARANI, Leandro Silveira; TUKANO, Naldo. Ulei, kaini, mandí’o, ki’i, mandioca: memórias, sabores e saberes de uma raiz-corpo. *In*: ALVES, N.; MENDONÇA, R. H.; TOJA, N. (org.). **Cozinhas e conversas**: cheiros e gostos, sons e imagens e afetos. Petrópolis: DP et Alli, 2023, p. 18-31.

WUNDER, Alik *et al.* LivrosVivos: palavras, imagens, plantas e gentes em criação. **ClimaCom – Políticas vegetais**, Campinas, ano 9, n. 23, p. 1-16, maio 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-vivos/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Sobre as autoras

Davina Marques: Doutora em Letras, Mestre em Educação, *MA in Curriculum and Teaching*, Pedagoga e Graduada em Letras Português-Inglês. Professora e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, em grupos de pesquisa do próprio IFSP, da UNICAMP e da USP.

E-mail: davina.marques@ifsp.edu.br

Alik Wunder: Professora do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora da Área de Arte e Linguagem em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação.

E-mail: alick.wunder@gmail.com

Recebido em: 26 fev. 2025

Aprovado em: 16 jul. 2025